

O papel dos avós nos cuidados com a educação e a saúde das crianças

Rosa Maria da Exaltação Coutrim¹

Adriana Maria de Figueiredo²

José Antonio de Oliveira Júnio³

Armanda Resende⁴

Resumo

A relação entre avós e netos é plena de aprendizados. Principalmente no caso dos avós que são responsáveis pelos cuidados de seus netos, os vínculos se constituem em meio a situações de tensão e de apoio familiar. O objetivo principal desta pesquisa foi investigar como os agentes de saúde, os professores e os próprios avós percebem a educação dada pelos avós aos netos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada em um pequeno distrito de Minas Gerais. Foram entrevistadas 7 avós que cuidam dos netos diariamente, aplicados questionários a 12 professoras e especialistas na escola e realizado um grupo focal com profissionais de saúde do distrito. Os resultados demonstram que os avós cuidadores oferecem afetividade e segurança aos netos. Isso é reconhecido pelos profissionais da escola e da Unidade de Saúde, que percebem a importância dos avós como agentes na promoção da saúde e do bom desempenho escolar das crianças.

Palavras-chave: Relação entre Gerações. Educação. Família. Saúde.

Abstract

The relationship between grandparents and grandchildren is full of learning. Especially in the case of the grandparents who are responsible for the care of their grandchildren, the bonds amid situations of familiar tension and support. The main objective of the research was to investigate how the health agents, the teachers and the grandparents themselves perceive the education that are given by the grandparents to the grandchildren. It is a qualitative research carried out in a small district of Minas Gerais. We interviewed 7 grandparents who take care for the grandchildren daily, 12 questionnaires were applied to teachers and specialists in the school and a focus group was held with health professionals from the district. The results demonstrate that grandparents offer affection and safety to grandchildren. School and health care professionals recognize this. They perceive the importance of grandparents as agents in the promotion of children's health and good school performance.

Keywords: Intergenerational Relationships. Education. Family. Health.

¹ Doutorado em Ciências Humanas - Sociologia e Política pela UFMG. Mestrado em História pela UNESP; Graduação em Ciências Sociais pela UNESP. Atualmente é professora associada do Departamento de Educação e da Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: rosacoutrim@ichs.ufop.br

² Doutorado em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado em Sociologia. Graduação em Ciências Sociais. Atualmente é professor associado da Escola de Medicina da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Realiza Estágio de Pós-doutorado no Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz, no Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente. E-mail: adrianamfigueiredo@medicina.ufop.br

³ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Graduado em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É professor da rede pública de ensino. E-mail: joseanoliveira@yahoo.com.br

⁴ Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: armandinhares@gmail.com

Introdução

Com a maior longevidade e o aumento da monoparentalidade nas famílias no mundo todo, as gerações têm ampliado os anos de convivência. E, mesmo que os mais velhos mantenham residência independente de seus filhos, tal fenômeno impacta as famílias, pois demanda novas formas de negociação e apoio intergeracional.

Contudo, as relações intergeracionais entre avós e netos⁵ somente adquirem sentido quando os avós se colocam no lugar de transmissores de um conhecimento adquirido na trajetória de vida (BARROS, 1987), principalmente na primeira infância e fase pré-escolar da criança, nas quais mecanismos como a imitação e a aprendizagem social são importantes aspectos de influência dos adultos sobre os pequenos.

A desigualdade econômica e social tem levado grande contingente de famílias brasileiras à situação de vulnerabilidade social (GOMES; PEREIRA, 2005) e os limites orçamentários dificultam a contratação de pessoas externas ao núcleo familiar para cuidar das crianças enquanto os pais estão trabalhando. Além disso, nos casos de gravidez na adolescência e/ou fora do casamento, separações, divórcios e recasamentos, morte de um ou dos dois genitores, mudança dos pais da cidade em busca de emprego, etc., muitos avós assumem a tarefa de cuidadores, ocupando importante papel na organização da casa e da rotina das crianças em idade escolar (CARDOSO, 2011; COUTRIM; FIGUEIREDO, 2007; GAUTIER, 2002; PEIXOTO; LUZ, 2007).

Os avós que cuidam diariamente de seus netos na ausência temporária ou permanente dos pais são levados a desempenhar tarefas comumente atribuídas aos genitores, como o acompanhamento escolar e os cuidados com a saúde. São os avós que levam as crianças à escola e aos postos de saúde, vão às reuniões com os professores, ministram os medicamentos caso fiquem doentes, além de cuidar da higiene e da alimentação dos netos. Muitos desses avós têm poucos anos de estudo. Hoje sabemos que homens e mulheres de baixa renda de pequenas cidades nascidos nos anos 70 ou anteriores, no Brasil, enfrentaram grandes dificuldades para estudar, conferindo à uma significativa parcela dessas gerações uma baixa escolaridade (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004; IBGE, 2011), o que, a princípio, torna-se um obstáculo para os avós na tarefa de auxiliar as crianças. Porém, os avós, em vários casos já aposentados, possuem mais tempo para o cuidado e para a troca de experiências com as crianças e, mormente as avós, oferecem uma valiosa contribuição para a organização familiar ao assumir o cuidado dos netos em tempo integral ou em parte do dia (ABOIM; VASCONCELOS, 2009; COUTRIM, 2010). Embora haja um expressivo aumento nesse tipo de relação em diversos países (HANK; BUBER, 2007), diversas famílias que possuem avós como cuidadores, se demonstram atentas para a necessidade da criação de alternativas que supram as dificuldades encontradas pelos avós em auxiliar as crianças nas tarefas escolares e nos cuidados com a saúde.

Reconhecendo essa convivência intensa entre avós e netos como distinta da relação entre pais e filhos, é importante saber como essa família participa da sociedade interagindo com outras instituições, como a unidade de saúde e a escola. Assim, para a realização da pesquisa ora apresentada partiu-se de algumas questões: Nesse novo padrão familiar, como os avós praticam o cuidado da criança? Como a escola e a unidade de saúde entendem essa família? Para responder a tais questões

⁵ Embora se reconheça a importância de se distinguir o papel do avô e da avó na vida dos meninos e das meninas, optou-se neste artigo por referir-se aos avós e netos sem a inflexão de gênero, uma vez que o texto não pretende discutir tais distinções.

é preciso saber da parcela de responsabilidade dos avós, entes cuidadores, na interação da família com o centro de saúde e a escola. Com o intuito de se conhecer um pouco do universo dos avós responsáveis pela educação formal e a saúde dos netos, foi proposta uma pesquisa que trouxe o seguinte objetivo: Investigar como os agentes de saúde, os professores e os próprios avós entendem os cuidados e a educação dada pelos avós aos netos.

Nem sempre os avós são vistos pela escola e pelos agentes de saúde como sujeitos capazes de proporcionar condições adequadas de aprendizagem e de saúde. Embora a família permaneça como primeira célula de socialização da criança, há uma tendência de desvalorização dos saberes familiares. A escola, como a maior representante da educação formal nas sociedades contemporâneas, é uma das instituições que mais cobra a uniformidade do discurso educativo. Nesse deslocamento das competências de educar, ao mesmo tempo em que o saber familiar, sobretudo das famílias pobres, foi desqualificado, ocorreu a profissionalização das funções educativas, reorganizando a intersecção de papéis e responsabilidades entre as famílias e as escolas (NOGUEIRA, 2005).

No mesmo sentido, na área da saúde, à medida que se fortalece o discurso médico enquanto representante do conhecimento científico, são desqualificadas as práticas familiares voltadas para o cuidado do corpo. Pesquisadores chamaram a atenção para a limitação existente no entendimento dos cuidados de saúde pelos usuários dos sistemas de saúde e também pelos profissionais da rede (GUTIERREZ; MINAYO, 2010). Segundo as pesquisadoras, embora seja na e pela família que se produzem cuidados essenciais à saúde, os serviços de saúde priorizam o saber biomédico-científico em detrimento dos saberes familiares.

Com base nos autores trazidos nesta pesquisa e na observação não sistematizada, foram ouvidos os profissionais da escola, do Programa Saúde da Família (PSF) e os avós cuidadores de um pequeno distrito de Mariana/MG, no intuito de apreender um pouco dessa interface entre família, escola e Unidade Básica de Saúde (UBS). Trata-se de um estudo interdisciplinar e inédito na região, contribuindo para as pesquisas nas áreas da sociologia da educação da sociologia da saúde. Além disso, a pesquisa também propicia um diálogo maior entre a investigação científica e a prática dos profissionais das redes públicas de educação e saúde.

Construindo a pesquisa: os aspectos metodológicos

A pesquisa foi executada sob a abordagem qualitativa baseada em questionários, entrevistas, grupo focal e observações diretas das famílias. O campo de estudo foi a comunidade do distrito Passagem de Mariana, em Mariana/MG. A escolha dessa comunidade se deu segundo os critérios: Ser uma comunidade pequena (possui em torno de 1000 famílias, o que equivale a aproximadamente 3.700 pessoas); possibilitar fácil acesso a informações individuais e coletivas.

Foram identificadas, a partir dos registros da UBS, visitas domiciliares e entrevistas com profissionais da Unidade, 16 famílias que atendiam ao critério de contar com avós como cuidadores das crianças. Em uma segunda triagem foram selecionadas 7 famílias que cumpriam os requisitos de terem avós como responsáveis ou co-responsáveis pela educação de netos de 05 a 10 anos de idade que frequentassem o centro de saúde e também a escola pública do distrito. Os dados demonstram

que se trata de famílias de baixa renda, cujos avós estão em situação de coabitação com os pais da criança ou não. Os avós cuidadores têm baixa escolaridade (no máximo 8 anos de estudos) e a maioria não trabalha formalmente.

Os pesquisadores realizaram as entrevistas com os avós⁶ por meio do uso de um roteiro contendo questões sobre o cotidiano das famílias e as práticas educativas com questões semiestruturadas e abertas. Durante as entrevistas, os pesquisadores realizaram a observação do cotidiano delas (LAPASSADE, 2005), cujo registro foi feito em diário de campo. É importante ressaltar que, embora não tenha havido nenhum recorte de sexo para os entrevistados, apenas as avós receberam a equipe de pesquisa e deram seus depoimentos. Um avô participou da entrevista, porém a respondente era a avó. Isso se deve a uma questão de gênero⁷. Na escola, responderam o questionário 01 (uma) professora de cada uma das turmas do ensino fundamental (de 1º ao 5º ano), diretora e coordenadora pedagógica, perfazendo um total de 10 professoras e duas especialistas. O objetivo do questionário foi conhecer o que pensam os agentes escolares sobre desempenho e comportamento de crianças cuidadas pelos avós.

Os profissionais da saúde (dois médicos, uma enfermeira, uma auxiliar de enfermagem e 6 agentes de saúde) participaram de um grupo focal, por meio do qual a equipe de pesquisadores procurou apreender o que pensam esses profissionais a respeito dos cuidados dos avós com a saúde dos pequenos.

As entrevistas das avós e do grupo focal foram gravadas e transcritas pelos pesquisadores e, em seguida as transcrições analisadas por meio da triangulação dos resultados⁸. A pesquisa respeitou os preceitos éticos, tendo sido submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Ouro Preto.

O que nos trazem os participantes da pesquisa: Resultados e discussão

As avós se reconhecem como menos rigorosas na educação dos netos. Em todas as entrevistas reforçam que os filhos não conseguem reconhecer o tempo e o modo correto de chamar a atenção das crianças e, que por isso, elas acabam interferindo. Segundo elas, as atitudes de repreensão às crianças adotadas pelos pais são, em muitos casos, inadequadas, seja pelo excesso ou pelo momento em que isso acontece, porém, as próprias avós reconhecem que deveriam ser mais exigentes com os netos. Por isso delegam a seus filhos e filhas o papel de cobrança e disciplina nos casos mais extremos. Como diz a avó:

Não entro no meio quando eles (os pais) estão falando, eu deixo. Eu falo pro avô não entrar no meio também. Quando avós e pais estão no meio, pais têm mais autoridade [...] (D. Nair, avó).

⁶ Embora a condição de avô e avó esteja, em muitos casos, relacionada à condição de idoso e idosa, nessa pesquisa a seleção de informantes não teve o recorte etário para os mais velhos, isto é, foram investigados avós independentemente da idade.

⁷ Tradicionalmente, a função de cuidar e acompanhar os deveres escolares e a atenção à saúde da criança tem sido conferida às mulheres. É sobre elas também que recai a tarefa de cuidar dos velhos da família, conforme revelam os estudos de Motta (2012).

⁸ A aplicação dos questionários e a realização do grupo focal obtiveram o consentimento formal da diretoria da escola e do PSE. Também foi solicitado consentimento por escrito (TCLÉs) das avós e profissionais de saúde e educação para realização das entrevistas e grupo focal e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto. O anonimato dos informantes foi garantido, e nos depoimentos aqui apresentados foram utilizados nomes fictícios.

A divergência sobre o que é certo e errado na educação das crianças é a principal motivação para os conflitos na relação intergeracional entre avós e pais, porém, percebe-se que há uma busca constante de um acordo tácito entre as partes.

A perspectiva sobre o que deve ser ensinado pelos pais e pelos avós também é distinta: quando os pais estão presentes na vida dos filhos, eles assumem o encargo de olhar os deveres e acompanhar os estudos. No entanto, quando os pais não convivem com as crianças os avós encontram outros agentes internos ou externos à família para auxiliarem em tal tarefa (COUTRIM; FIGUEIREDO, 2007).

Nas entrevistas com as professoras, diretora e coordenadora pedagógica não foram levantadas questões sobre a relação entre o fracasso escolar das crianças e o cotidiano com os avós, porém, duas das cinco professoras ouvidas veem algumas avós como superprotetoras e permissivas. Segundo elas, tal comportamento é negativo, pois as crianças percebem a superproteção dos mais velhos e usam de artimanhas para atingirem seus objetivos. Assim uma professora relata:

Às vezes a avó tem medo de magoar a criança e a criança nota, sente-se mais esperta que a avó, e o quê que acontece? Ela engana a avó. Em uma briga de escola em que ela bate, agride, ela observa que a avó quer superproteger e pensa: poxa vida, se eu contar pra minha avó que eu fui agredido primeiro ela vai acreditar em mim. Então há aí, uma certa inocência das avós e a esperteza da criança. As avós não estão acompanhando o raciocínio das crianças e elas estão se mostrando mais espertas, e eles notam como podem manipular a avó e conseguem. Às vezes colocam uma gravidade em uma coisa ínfima pra poder não vir à aula, sair da escola. Parece que as avós querem suprir a falta da mãe superprotegendo a criança. Elas querem, não por mal, né? Mas, superprotegem (Mara, professora).

Ou seja, na visão das professoras e especialistas, o fato das avós terem um grau de escolaridade baixo não influencia no comportamento das crianças na escola, mas sim a postura adotada por algumas avós diante das atitudes dos netos, facilitando a indisciplina e os maus hábitos.

Tal interpretação, contudo, não foi consenso entre as professoras, a maioria aponta a postura protetora das avós como um ato de afeto compensatório pela ausência do carinho dos pais e de outros parentes. Tal proteção é benéfica para o processo de aprendizagem. E quanto a isso, uma professora expressa:

[...] Às vezes é só a avó, a mãe e o neto. É isso aí que gera muitas crianças estão com a avó, porque se a mãe vai presa o que a avó faz? Pega a criança. Ai a avó já vai olhar a criança e tem que pensar no problema da filha que tá presa (Ana, professora).

Em casos como o descrito pela professora, é a avó quem, geralmente, assume o posto de cuidadora, tornando-se a principal fonte de segurança econômica, apoio e afeto para a criança.

As falas das professoras e especialistas revelaram um grande reconhecimento do papel dos avós no equilíbrio físico e emocional das crianças. Segundo elas, avô e avó correspondem, em muitos ca-

sos de vulnerabilidade social e familiar, à única fonte de estabilidade emocional e cuidado. Por isso, acabam trazendo a segurança e o equilíbrio necessário ao aprendizado dos pequenos.

Os depoimentos dos profissionais de saúde entrevistados identificam existência de tabus e de práticas de saúde exercidas no seio das famílias. Destas, foram relatadas principalmente dificuldades das mães em manter o aleitamento materno exclusivo e observar as orientações dadas na unidade de saúde em relação à alimentação infantil. A relevância atribuída pelo grupo a essa distância entre o saber médico hegemônico e as práticas de saúde das famílias reforçam a constatação de pesquisadores de que há um conflito entre as visões estabelecidas pela ordem médica – exposta no discurso da UBS – e as concepções constituídas no seio das famílias. Tal fenômeno é uma das causas do baixo reconhecimento do papel das famílias nos cuidados da saúde pelos profissionais da saúde (GUTIERREZ; MINAYO, 2010).

Essa visão é reforçada na fala dos profissionais sobre divergências entre o que as mães afirmam que seguem quando vão ao consultório médico, e o que elas fazem na prática. O mais comum é conciliar aleitamento materno com chás, papinhas salgadas antes dos 6 meses de vida, ao contrário do que orienta a unidade de saúde. Nesse tipo de prática, a influência das avós é muito grande, pois é tradição nas famílias complementar a amamentação dos bebês com água e chás. “A mãe é referência da filha e o que ela diz tem um peso muito grande” (Carla, ACS). Esta fala traduz a constatação dos profissionais de saúde na força da relação intergeracional mãe/filha, quando o assunto é o cuidado da criança.

Nesse aspecto, apresentam-se conflitos e pontos positivos quanto à promoção da saúde da criança. Além das divergências entre a unidade de saúde e a família em relação à alimentação infantil, foi também mencionado o desacordo entre pais e avós sobre a vacinação. Não sendo prática tão comum e legitimada na geração das avós, a vacinação sofre com a não adesão de alguns avós que afirmam não ser necessária, uma vez que “eles e seus filhos sobreviveram bem sem ter passado por tantas vacinas” (Juliana, ACS).

Uma influência positiva das avós, segundo os profissionais da UBS, é a criação de hábitos alimentares entre as crianças maiores. Neste caso, a visão é a de que as avós têm uma preocupação maior em proporcionar uma alimentação mais variada e menos industrializada do que as mães. Segundo as ACSs participantes da pesquisa, é comum a utilização, pelas mães, de produtos industrializados como macarrão instantâneo, salgadinhos (*chips*) e bolachas recheadas na alimentação infantil em detrimento de frutas, verduras e legumes. Já as avós se esmeram na preparação de “comidas mais caseiras, com o arroz, o feijão e a carne” e as hortas estão presentes na maioria das casas visitadas pelos pesquisadores.

Dessa forma, com o uso de práticas tradicionais, como o cultivo de hortas e o preparo de alimentos não industrializados, as avós cuidadoras contribuem para a alimentação mais saudável dos netos (Dora, ACS).

Um exemplo interessante do respeito à tradição e da mescla de práticas sociais das famílias com o conhecimento difundido pela unidade de saúde pode ser percebida no relato de uma ACS,

segundo o qual, uma avó, utilizou uma moeda para melhorar a aparência do umbigo de um bebê – prática muito comum entre os mais velhos – mas ao fazê-lo se preocupou em esterilizar a moeda, mergulhando-a em água fervendo e posteriormente em álcool. A ACS respeitou a atitude da avó e reconheceu o cuidado na esterilização, embora sabendo que não era uma ação recomendável pelos protocolos de saúde.

Os avós cuidadores: convivência intergeracional e o cuidado da criança

Nem todas as avós cuidadoras entrevistadas coabitam a casa de seus filhos (ou vice-versa), mas na pesquisa em questão ficou visível o padrão de convivência que é protagonizado por três gerações que são base de um modelo familiar composto por avós, pais/filhos e netos, todos convivendo na mesma casa ou no mesmo lote. No distrito foram encontrados diferentes arranjos familiares que tinham os avós como cuidadores. Avós que cuidam do(s) neto(s) para os pais trabalharem, os que assumem a guarda do(s) neto(s) e não contam com a presença dos pais da(s) criança(s), os que dividem os cuidados do(s) neto(s) com a mãe que não trabalha, entre outros.

No momento da realização da pesquisa, todas as avós entrevistadas auxiliavam na criação de apenas um neto, que passava o dia com ela, e à noite ia embora para a casa dos pais (ou de um deles, no caso de separação, viuvez e divórcio), ou simplesmente passava para os cuidados deles, nos casos de coabitação. Durante o tempo em que ficam com as crianças os mais velhos assumem maior participação nas atividades dos netos, como preparar e ministrar as refeições, levar e buscar na escola, dar banho, brincar, etc. É interessante observar, o cuidado que duas avós, que por motivo de saúde mantém alimentação controlada, têm com a alimentação dos netos, tentando fazer uma comida diferenciada da sua para que os netos possam, segundo elas, “comer bem”, além de se esforçarem para que estes comam verduras, frutas, alimentos que julgam importantes.

Em relação à UBS, as avós dizem que é um dos locais de procura para que seus netos sejam atendidos, em casos de doença ou consultas de controle. As avós atribuem a responsabilidade maior aos pais no que diz respeito às consultas médicas. Elas também afirmam que concordam com as orientações dadas pelos médicos e dizem que procuram não misturar o tratamento médico e os caseiros (como chás, benzimento, ervas, etc). Nota-se que, assim como nos cuidados com a educação escolar das crianças, as avós entrevistadas se colocam como coadjuvantes e auxiliares de seus filhos quando o assunto é saúde, como no relato a seguir:

Não dou chá porque uma vez a mãe da criança levou o neto no pediatra e ele disse pra não dar mais. Já que não pode eu não dou. Eu dou, quando com febre, o remédio que o médico receitou (D.Nair).

A pesquisa não pode ser aprofundada a ponto de investigar se o discurso dos avós é, de fato, colocado em prática no cotidiano, porém, pelos relatos coletados, é possível observar uma aceitação do discurso hegemônico presente no contexto do cuidado à criança. Há momentos de diferença de perspectiva entre avós e pais, situação que é apontada também na bibliografia trazida neste artigo.

No processo de coeducação, as lições dos mais velhos não são centradas nas questões formais de ensino, mas sim, nas tarefas do cotidiano, transmitidas através da conversa e brincadeiras, em um contato afetivo e completamente ligado a moral, ao conceito do que é certo e errado, talvez como reflexo da educação que tiveram quando crianças. Durante as entrevistas com as avós, a preocupação mais relatada se refere à boa convivência, obediência aos mais velhos, coleguismo e caráter, comportamentos e valores importantes para as famílias de camadas populares, principalmente a serem praticados na escola, conforme aponta Lahire (2007).

Há um esforço por parte dos pais das crianças e das avós entrevistadas em definir claramente qual o papel de cada um na educação dos pequenos. O cuidado com a comida, a higiene e a saúde é delegado aos avós, já a supervisão e o auxílio nos estudos, as decisões sobre a organização da rotina e os corretivos são deveres dos pais, mais jovens e com maior nível de escolaridade. Pela fala dos informantes, percebe-se o esforço que cada uma das gerações faz para manter tal acordo tácito, implícito nas distintas tarefas de educar e de cuidar. Aos avós cabe cuidar, aos pais cabe educar. Segundo Bremberger e Souza (2012) o cuidar se refere aos cuidados na dimensão afetiva (relacional) e biológica (cuidados com o corpo, higiene e saúde), já o educar tem uma abordagem mais ampla relacionada também ao aspecto cognitivo e emocional que se refletem na relação ensino-aprendizagem. Nem sempre os papéis estão claramente divididos, porém, mesmo nos momentos de tensão e conflito, todos sabem que o diálogo é fundamental para que o apoio mútuo entre as gerações permaneça (MOTTA, 2012).

Considerações finais

As atitudes tomadas pelas famílias no dia a dia demonstram que nem sempre há um planejamento nas ações referentes aos cuidados das crianças e ao seu acompanhamento escolar, e tal planejamento mantém-se, em muitas situações, no âmbito intuitivo, que é da prática pela prática, em que as avós delegam total responsabilidade aos pais. Em decorrência do baixo nível de escolaridade das avós, a responsabilidade pelo acompanhamento escolar das crianças é dos pais, contudo, elas contribuem significativamente para manter uma rotina de atividades cotidianas que assegura às crianças um ambiente favorável ao estudo.

Observou-se na pesquisa a forte ligação entre avós e netos. Tal apoio afetivo e estrutural oferece à criança maior segurança nas atividades escolares, porém, nem sempre garante o bom desempenho escolar. O baixo capital cultural dessas famílias dificulta a aquisição dos conhecimentos exigidos pelas instituições formais de educação e saúde. Contudo, todo o ensinamento considerado prático, relevante para as questões do cotidiano, reflete-se no processo de aprendizagem, pois, a relação de afetividade, companheirismo e segurança facilita a construção de uma base sólida e profícua para a aprendizagem, ajudando à criança a ter melhor desempenho escolar.

As professoras entrevistadas revelaram que a convivência entre avós e netos é benéfica e que trazem muitos ganhos para o processo de aprendizagem das crianças, principalmente nos casos em que os pais estão ausentes e as avós se constituem a única fonte de segurança econômica, apoio e afeto para a criança.

Já em relação à saúde da criança, constatou-se que as famílias têm na unidade de saúde sua referência, embora mantenham práticas próprias de cuidado. A equipe de saúde, por sua vez, procura compreender os discursos das famílias e conciliar a visão médica com o que é transmitido culturalmente, pela tradição. De acordo com os profissionais da UBS, as avós auxiliam as crianças a criarem hábitos alimentares mais saudáveis, oferecendo alimentos cultivados nas hortas caseiras e mantendo horários rigorosos para as refeições. Há, portanto, uma preocupação das avós quanto à alimentação mais variada e menos industrializada de seus netos. Elas também administram medicamentos quando necessário e levam os netos à UBS quando as mães estão impossibilitadas. Contudo, mantém as práticas tradicionais não deixando de administrar chás e de levar as crianças em benzedadeiras quando julgam necessário.

A pesquisa demonstrou, portanto, que há uma divisão dos papéis entre as avós e os pais. Aos pais cabe reprimir as crianças quando têm atitudes inadequadas para a idade, cuidar das atividades escolares e de ações mais efetivas voltadas para a saúde da criança, como é o caso do acompanhamento ao médico em casos de doenças mais graves. Assumem, portanto, a tarefa de educar. Às avós compete o suporte às atividades cotidianas ligadas à alimentação, à brincadeira, à saúde, ao vestuário, à higiene, à relação com a escola e aos cuidados com a segurança da criança. Ocupam, portanto, a posição de coadjuvantes no processo educativo, mantendo-se como cuidadoras. Contudo, as atividades desempenhadas pelas avós são essenciais para o equilíbrio do grupo familiar, uma vez que estes acordos tácitos intrafamiliares garantem o cuidado e o bem estar da criança nos momentos em que os pais estão impossibilitados de estarem presentes.

Certamente, as discussões empreendidas nesse artigo não têm caráter generalizante, contudo, acreditamos que esta investigação pode contribuir com tantos outros estudos interessados em conhecer as dinâmicas familiares organizadas em função do cuidado e da educação criança. Seus resultados se inserem-se, portanto, em um importante debate do qual os interessados nos estudos de família, gerações, educação e saúde não podem se furtar.

Agradecimento: CNPq, FAPEMIG, PROPP/UFOP.

Referências

ABOIM, Sofia; VASCONCELOS, Pedro. Differential and Cumulative Effects of Life Course Events in an Intergerational Perspective: Social Trajectories of Three Generations Family Lineages. **Swiss Jour. of Sociol, Warsaw**; v.35, n 2, p.297-319, 2009. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/sofia-aboim_2009_n1.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

BARROS, Myrian L. **Autoridade e Afeto: Avós, Filhos e Netos na Família Brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BREMBERGER, Maria E.F.; SOUZA, Vera L.T. Cuidar e Educar: reflexões da perspectiva da Psicologia. **Revista de Educação**, v. 17, n. 2, p. 163-172, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/994/971f>>. Acesso em: 01 out. 2017.

CAMARANO, Ana A.; KANSO, Solange; MELLO, Juliana L. Como Vive o Idoso Brasileiro? In: CAMARANO, Ana A. **Os Novos Idosos Brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARDOSO, Andreia R. **Avós no Século XXI: Mutações e Rearranjos na Família Contemporânea**. Curitiba: Ed. Juruá, 2011.

COUTRIM, Rosa M. E. Entre Gênero e Gerações: a fala de crianças educadas por avós e avôs. In: SOUZA, M. F. (Org.). **Desigualdade de Gêneros no Brasil: novas idéias e práticas antigas**. Belo Horizonte: Editora Argumentum, 2010. p. 287-299.

COUTRIM, Rosa M. E.; FIGUEIREDO, Adriana M. Quando os Avós São os pais: um estudo sobre o papel dos mais velhos na educação de crianças. In: Encontro Anual da ANPOCS. 31., 2007. **Anais...** Caxambu /MG. v. 1. 2007, p. 82-83. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-31-encontro/st-7/st29-1/3100-rosacoutrim-quando-os/file>>. Acesso em: 20 set. 2017.

GAUTHIER, Anne. The Role of Grandparents. **Current Sociol.**; 50(2), 2002, p. 295–307. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0011392102050002623>>. Acesso em: 20 set. 2016.

GOMES, Mônica A.; PEREIRA, Maria L. D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciênc. Saúde Colet.**; 10(Supl.2): 2005, p. 357-363. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a13v10n2>>. Acesso em: 15 set. 2016.

GUTIERREZ, Denise M. D.; MINAYO, Maria C. S. Produção de Conhecimento sobre Cuidados da Saúde no Âmbito da Família. **Ciênc. Saúde Colet.**; 15(Supl.1): 2010, p.1497-1508. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000700062>. Acesso em: 15 set. 2017.

HANK, Karsten; BUBER, Isabela. Grandparents Caring for Their Grandchildren: findings from the 2004 survey of health, aging and retirement in Europe. **MEA – Mannheim Research Institute for the Economics of Aging**. 2007.p. 1-24. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0192513X08322627>>. Acesso em: 15 set. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Indicadores Sociais Municipais: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2010**. IBGE, 28; 2011.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável**. Porto Alegre: Ática, 2007.

LAPASSADE, George. **As microsociologias**. Brasília: Liber Livros, 2005.

MOTTA, Alda B. da. Mulheres Entre o Cuidado de Velhos/as e a Reprodução de Jovens em Famílias no Brasil. **Ex aequo**, 26, 2012, p.87-101. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200008>. Acesso em: 10 set. 2017.

NOGUEIRA, Maria. A. A Relação Família-Escola na Contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Anál. Social**, 176, 2005, p. 563-578. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732005000400005>. Acesso em: 10 set. 2017.

PEIXOTO, Clarisse E.; LUZ, Gleice M. De Uma Morada à Outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cad. Pagu**, n. 29, 2007, p. 171-191. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 set. 2017.